

“PARA INTERVIR, VOCÊ TEM QUE SABER!”

UMA HOMENAGEM A PEDRO AGOSTINHO NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE SUA MORTE*

Guillermo Vega Sanabria  

Universidade Federal da Bahia

Rafael de Menezes Bastos  

Universidade Federal de Santa Catarina

Edwin Reesink  

Universidade Federal de Pernambuco

Ordep Serra  

Universidade Federal da Bahia

Luísa Valentini  

Bolsista Pós-Doutorado Júnior CNPq/PINEB-UFBA

Maria Rosário de Carvalho  

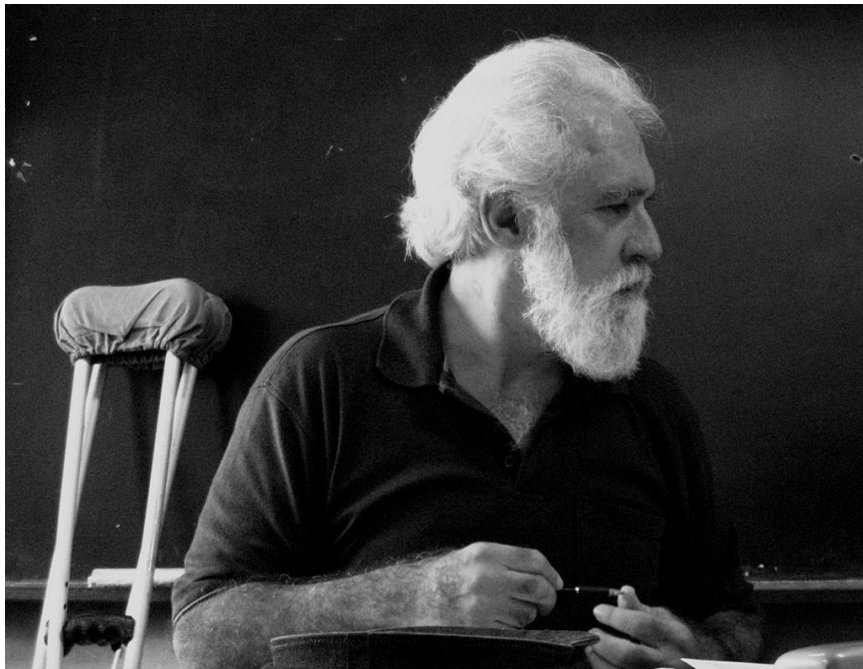
Universidade Federal da Bahia

Kanawayuri Marcello Kamaiurá  

Projeto Arquivo Kamayurá

* Agradecemos a Ananda Larissa Sandes, bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFBA (Pibic 2023-2024), orientada pelo professor Guillermo Vega Sanabria no projeto *O espírito de Barbados e a ideia de uma antropologia latino-americana*, pela transcrição do registro original da mesa redonda, disponível no canal de YouTube TV PPGA, [📺](#). O texto aqui publicado é uma versão editada livremente e complementada com notas por Guillermo Vega Sanabria, com a colaboração dos demais participantes do evento online intitulado *Homenagem a Pedro Agostinho*.

Figura 1: Pedro Agostinho, no “II Colóquio Pedro Agostinho, FFCH-UFBA”, abr. 2007



Fonte: Autoria não identificada

Na sexta-feira 10 de novembro de 2023, transcorrido exatamente o primeiro ano da morte de Pedro Agostinho da Silva, o Departamento de Antropologia e Etnologia (DAE) e o Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) renderam homenagem singela ao Mestre e colega de tanto tempo. Participaram da mesa redonda, organizada com esse propósito, amigos da vida inteira, discípulos que depois se tornaram colegas, bem como companheiros na equipe de pesquisadores do Programa de Pesquisas Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB): Rafael de Menezes Bastos (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC) Ordep Serra (UFBA),

Maria Rosário de Carvalho (UFBA), Edwin Reesink (Universidade Federal de Pernambuco, UFPE), Luísa Valentini (Universidade de São Paulo, USP) e Kanawayuri Marcello Kamaiurá (pesquisador e coordenador do projeto Arquivo Kamayurá), com a organização e mediação de Guillermo Vega Sanabria (UFBA). É com enorme alegria que compartilhamos o registro desse encontro tão sentido que, ao mesmo tempo que celebrou a vida de Pedro Agostinho (1937-2022), serve como testemunho de uma parte significativa das lutas dos povos indígenas no Nordeste, do desenvolvimento da antropologia no Brasil e das perspectivas que se abrem em uma história ainda em construção.

Guillermo Vega Sanabria: Propus aos professores que, para este diálogo, partíssemos de uma série de perguntas e temas. A primeira pergunta diz respeito às circunstâncias em que cada um de vocês conheceu Pedro Agostinho e qual foi a relação que mantiveram com ele posteriormente.

Rafael de Menezes Bastos: Muito obrigado pelo convite, Guillermo. Estou muito feliz de participar desse evento em homenagem ao meu guru, o professor Pedro Agostinho da Silva. Também fico feliz de encontrar colegas com quem tenho uma longa convivência e relações profundas. Por exemplo, fui aluno de Ordep Serra, que foi meu professor de grego! Eu conheço poucos sábios, mas Ordep certamente é um deles. Também conheci o professor George Agostinho, o pai de Pedro, que era outro sábio. Ordep tem uma vasta experiência: trabalha com as terras baixas da América do Sul, com a África e com o Mediterrâneo. Também é um grande prazer ver Luísa, com quem tenho uma longa colaboração; e ver Edwin, que conheço desde antiquíssimo.

Minha passagem pela Bahia é muito interessante. Nasci aí. Vou fazer 78 anos, sou da geração do filme *2001. Uma odisseia no espaço*. Eu pensei que fosse viver somente 54 anos, mas já tenho 77. Não lembro

como conheci Pedro Agostinho, eu acho que foi em Brasília. Não me lembro de tê-lo conhecido na Bahia, pois eu saí da Bahia em 1965, quando ainda era muito garotão; eu nasci em 1945, ou seja, tinha 20 anos. Recordo-me que na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia havia uma marca de um murro na parede. Era de um murro de Olympio Serra. Ele era então Presidente da Executiva Nacional dos Estudantes de Arte (ENEARTE), da União Nacional dos Estudantes, uma organização muito perseguida após o golpe de 1964. Fui embora da Bahia em 1965, mas nunca fui preso, nunca passei por essas coisas terríveis pelas quais vários amigos passaram, inclusive faleceram. Eu contei doze amigos meus que foram assassinados pelo golpe militar de 1964.

Isso aqui é apenas uma recordação, mas o fato é que não lembro quando conheci Pedro. Acho que foi quando fui para Brasília, em 1965. O professor Yulo Brandão, que era meu professor na UFBA, da chamada guitarra clássica, me chamou. Ele disse, “Rafael, venha me ajudar!” e eu fui. Hoje, infelizmente ele já faleceu e eu também presto minha homenagem a Yulo. Acho que conheci Pedro em um aniversário comum, envolvendo nossas crianças. Meu contato com Pedro deve ter começado por aí, em Brasília, no grupo dos chamados baianos. Nós fomos até confundidos com um partido político! Talvez fôssemos, não é? O grupo chamado dos baianos morava no cerrado, em um lugar chamado Trapa, lugar dos chamados “trapistas”.

Guillermo Vega Sanabria: Qual foi sua relação com ele posteriormente?

Rafael de Menezes Bastos: Fui discípulo de Pedro, só que eu não sabia! Eu aprendi isso durante o percurso de nossa vida em comum e tive uma espécie de *Gestalt* com o falecimento do Pedro, relendo um texto de Luísa Valentini, que me mostrou alguns paralelos envolvendo o livro da minha tese de doutorado na USP,¹ sobre a Festa da Jaguatirica e o texto

1 Rafael J. de Bastos Menezes, *A Festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*, Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, [1990] 2013.

de Pedro sobre o kwarip do Alto Xingu. Então eu tive essa relação de discípulo com Pedro, só que eu não sabia, achei isso muito interessante, psicanaliticamente falando. A gente pensa que não sabe as coisas, mas as coisas sabem da gente! Pedro sabia.

Pedro e eu fomos, em 1969, para a aldeia kamayurá. Eu fui para lá como diretor da Divisão de Etnomusicologia do Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, fundado por Pedro em Brasília. Foi então que tive minha iniciação com Pedro: eu aprendi grande parte da antropologia que sei, no campo, na ação, com ele. Pedro era um excelente trabalhador de campo.

Pedro fez sua dissertação de mestrado² sob orientação de outro mestre meu, Eduardo Galvão, o primeiro antropólogo no Brasil a fazer seu doutorado nos Estados Unidos. Porém, Pedro tinha uma especialização, vamos dizer assim, variada. Seu trabalho sobre etnologia do Xingu, com certeza é um clássico. Além disso, porém, ele era especialista em barcos! Hoje em dia, quando vou à praia em Florianópolis e vejo aqueles barcos, me recordo do que Pedro escreveu, comparando os barcos de Florianópolis com os da Bahia, saveiros e barcos.³ Eu não tenho nenhuma erudição sobre barcos.

Eu li grande parte da bibliografia de Pedro. Há uma edição especial do Boletim Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA sobre Pedro Agostinho, sobre etnologia, de 2013.⁴ Ali tem uma bibliografia, uma seleção de textos de Pedro. Ele tinha uma associação importante com Valentin Calderon, arqueólogo da Bahia e um forte traço boasiano, da antropologia dos quatro campos. Pedro não era qualquer pessoa, não.

Guillermo Vega Sanabria: Esse é o espírito desse encontro, para que esses relatos fiquem, durem mais, se prolonguem no tempo. Eu gostaria de

2 Pedro Agostinho, *Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu*, São Paulo: EPU/Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

3 Pedro Agostinho, *Embarcações do Recôncavo: um estudo das origens*, Salvador: Oiti Editora, 2012.

4 Edição especial sobre Pedro Agostinho, Salvador, 2013, n. 4, ano 1, editada por Cláudio Luiz Pereira. Disponível em: [🔗](#).

fazer a mesma pergunta ao professor Edwin. Como você conheceu Pedro Agostinho e qual foi sua relação com ele posteriormente?

Edwin Reesink: Em primeiro lugar, quero agradecer pela homenagem a Pedro Agostinho e também quero saudar as pessoas presentes. Estou vendo aqui Ordep, na tela. Em segundo lugar, tem duas coisas. Uma é, de fato, que nós já fizemos uma espécie de homenagem a Pedro, duas vezes, aliás, quando a gente estava na UFBA. Fizemos o Colóquio Pedro Agostinho, um colóquio especialmente sobre os Pataxó; e teve outro sobre os Nambikwara porque também teve uma viagem de pesquisa que Pedro fez para relatar sobre um projeto indigenista que houve na década de 1970, na ditadura – um projeto que criou um sopro de possibilidades naquela época, mas que também não durou.⁵ Então fizemos os dois colóquios. Acho muito boa esta homenagem, realmente fantástica, e precisamos de mais iniciativas desse tipo. Agora, também acho que a homenagem precisa ser com a pessoa presente e por isso nós fizemos dois colóquios naquele tempo, em 2006 ou 2007, não me lembro direito, com ele presente.⁶ Inclusive, ele me agradeceu em um certo momento e eu fingi que não era comigo, que não era exatamente uma homenagem, mas a ideia era essa mesmo, fazer um colóquio que também era uma homenagem a Pedro Agostinho.

Rafael não lembra, porém eu me lembro como conheci Pedro Agostinho. Não lembro de todos os detalhes, mas, antes, a gente tem que saber como é que um gringo lá da Europa chega aqui. Naquela época eu estava fazendo antropologia cultural na cidade de Leiden e tinha parentes em Salvador. Eu visitei os parentes e voltei com a ideia de fazer uma pesquisa. No mestrado previa-se uma pesquisa etnográfica, que não tinha a duração daquela que fiz, mas era possível fazer individualmente. Também tinha um

5 Por volta de 1975, a Funai (antiga Fundação Nacional do Índio, hoje Fundação Nacional dos Povos Indígenas) encetou vários projetos entre vários povos, encarregando antropólogos de sua direção. O projeto em questão foi liderado por David Price.

6 O I Colóquio Pedro Agostinho, “Histórias dos Povos Nambikwara – Tristes Trópicos 50 anos”, aconteceu em setembro de 2005. O II Colóquio Pedro Agostinho, “50 anos de PINEB: dos Pataxó à Etnologia no Brasil”, ocorreu em abril de 2007. Ambos os eventos se realizaram em São Lázaro, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

professor que estava interessado na minha pesquisa porque havia feito uma monografia sobre os povos Caribe, no Suriname, então ele, Peter Kloos, assumiu minha orientação. Não me lembro como foi que soube do Pedro Agostinho e da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, mas lembro que eu mandei uma carta e recebi dele outra de volta.

Com essa carta eu cheguei no Departamento e disse “Olha, está aqui, eu posso ser orientado por essa pessoa aqui”. Como o professor também conhecia minimamente a América Latina, ou pelo menos a América do Sul, ele sabia, por exemplo, da Declaração de Barbados⁷ e se interessava pela questão indígena na América do Sul, foi tranquilo. Quer dizer, eu cheguei a Salvador por causa de uma carta.

A primeira vez que o vi, de fato, basicamente eu não entendia nada da língua brasileira; eu liguei e combinamos um horário. Porém, eu entendi mal e cheguei de manhã cedo na Faculdade de São Lázaro, não era esse o horário combinado. Quando Pedro chegou disse: “Tudo bem” e me atendeu. Essa foi a primeira vez. O que ele fez? É muito ilustrativo: pediu que eu elaborasse um capítulo histórico sobre os Kaimbé de Massacará, estabelecidos na porção norte do estado da Bahia. Na época existia uma biblioteca privada, considerada uma importante biblioteca americanista, na casa de Frederico Edelweiss, que hoje em dia foi incorporada à Biblioteca Central da UFBA. Pedro me apresentou a ele e eu fui lá estudar, identificar o que

7 A Declaração de Barbados foi o documento final do simpósio *A fricção interétnica na América do Sul fora da região andina*, realizado de 25 a 30 de janeiro de 1971, em Bridgetown, capital de Barbados. Reuniu 14 antropólogos – entre eles Darcy Ribeiro, Carlos de Araújo Moreira Neto, Pedro Agostinho e Silvío Coelho dos Santos – com o objetivo de denunciar a sistemática violação dos direitos dos povos indígenas em países como Argentina, Paraguai, Brasil, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e México. Ao final do encontro, foi publicada a histórica declaração com o lema “Pela libertação do indígena”, que se tornou marco fundamental da crítica à política indigenista da época e da busca por uma antropologia comprometida. Mais de 50 anos depois, seu legado segue mobilizando reflexões que ultrapassam os estudos especializados sobre povos indígenas, interpellando de forma contínua a teoria, a ética e o papel social da antropologia na América Latina. A respeito ver: Alberto Chirif (org.), *Por la conquista de la autodeterminación: En el cincuentenario de la Declaración de Barbados*, Copenhague: IWGIA, 2021; Guillermo Vega Sanabria & Georg Grünberg, “Los orígenes de la Declaración de Barbados y la búsqueda por una antropología comprometida”, *Maguare (Universidad Nacional de Colombia)*, v. 39, pp. 157–180, 2025.

havia sobre povos indígenas, o que seria possível encontrar. Naquele tempo era a biblioteca de Edelweiss um dos poucos lugares onde se podia fazer esse tipo de pesquisa. Eu fui lá e fiz a pesquisa, depois escrevi o capítulo. Anos depois, Pedro, candidamente, me disse que tinha sido também um teste para saber se eu tinha a capacidade de pesquisar, de escrever e de organizar um texto de modo inteligente. Acho que passei no teste.

Depois disso a gente sempre se acompanhava. Tenho uma série de histórias, de quando fomos juntos para Mirandela e Massacará, mas vai levar um pouco mais de tempo e acho que não é o caso. Porém, a partir daí a gente teve uma boa relação porque, como disse Rafael, Pedro Agostinho era uma pessoa muito aberta, uma pessoa que gostava de orientar, que gostava de ter um diálogo aberto e franco, sem ter preconceções pesadas. Ele era curiosíssimo, queria saber de tudo. Portanto, era muito bom para um estudante trabalhar com ele. Rafael já lembrou um pouco disso.

Em 1979, Pedro publicou, na Revista de Antropologia, um trabalho com um resumo daquele que já tinha feito na década de 1970.⁸ Todo mundo pode consultar esse trabalho porque hoje em dia está online também. Anos depois, ele me disse, também candidamente: “sabe que eu esqueci de você nesse levantamento...” [risadas]. Enfim, eu não liguei muito, mas, de fato, quando você vai olhar lá, não tem nenhuma referência ... [risadas].⁹ Sem querer me expandir muito, é realmente impressionante o tipo de relação de diálogo franco, de comparação tranquila, com uma pessoa aberta, que não estava ali para fazer escola ou para fazer um nome, mas que tinha realmente interesse em que as pessoas também se desenvolvessem, fizessem suas pesquisas. Ele se interessava e se engajava, junto com você. Acho que esse é o ponto mais importante nesse sentido. Desde então sempre teve colaboração.

8 Pedro Agostinho, “Ensino pós-graduado, teoria e pesquisa antropológica. Uma experiência na Universidade Federal da Bahia”, *Revista de Antropologia*, n. 22, pp. 133-142, 1979, .

9 Refere-se a *Olhos miúdos e olhos graúdos*, dissertação de mestrado defendida por Edwin Reesink na universidade de Leiden, Países Baixos, em 1977.

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado, Edwin. Professor Ordep, como você conheceu Pedro Agostinho e qual foi a sua relação a partir desse momento?

Ordep Serra: Conheci Pedro Agostinho aqui em Salvador, tive o primeiro contato com ele na Faculdade de Filosofia, que ainda era em Nazaré, na Joana Angélica. Quando cheguei em Brasília fui muito bem acolhido por ele e outros caros amigos, mas ele marcou muito a minha vida. Nos tornamos amigos muito próximos, tivemos uma relação muito carinhosa, às vezes a gente começava a conversar e varava a madrugada. Lembro de conversas com Pedro que terminaram às três ou quatro da manhã. Aprendi muito. Ele tinha uma cultura historiográfica absolutamente inacreditável. Tivemos mestres comuns, como foi o caso do pai dele, como foi o caso de Eudoro de Sousa, que foram importantes em nossa formação intelectual e, convivemos lá em Brasília naqueles tempos da formação da universidade, e da agressão constante que a Universidade de Brasília sofria. Rafael deve se lembrar bem de quantas ocupações militares sofremos, mas nós éramos um grupo muito solidário entre os nossos.

Rafael de Menezes Bastos: Uma delas inclusive filmada pelo Hermano Penna e retomada pelo filme Barra 68...¹⁰

Ordep Serra: É verdade, tinha o Hermano Penna, tinha o Olympio Serra, tinha o Rafael de Menezes Bastos, era um grupo muito coeso. Pedro Agostinho era o mestre de todos nós, todos aprendemos muito com ele. Assim como Rafael foi levado para a antropologia, pois então já era um músico muito conhecido, um homem que tinha um psicológico incrível

10 Refere-se a uma fita de 16 milímetros de Hermano Penna, a qual registra a detenção de 400 alunos numa quadra de basquete da universidade, quando da invasão de forças militares e policiais em 1968. A história é narrada pelo filme Barra 68 - Sem perder a ternura, de Vladimir Carvalho (Brasil, 2000). O filme trata da história da Universidade de Brasília desde sua concepção por Darcy Ribeiro até os acontecimentos de agosto de 1968, quando a Polícia Militar invadiu o campus e prenderam e atiraram em estudantes. Ver: Irlam Rocha, “Barra 68 — Sem perder a ternura: Documentário de Vladimir Carvalho sobre a invasão da UNB é tema de debate hoje”, .

para sua idade, mas é levado para a antropologia por Pedro Agostinho. Eu ensinava grego na Universidade de Brasília, nessa altura, e também fui atraído por ele, assim como meu irmão Olympio.

Pedro Agostinho era um antropólogo realmente com um brilho incrível. Eu quero frisar duas coisas. Em primeiro lugar, Pedro é um dos poucos grandes antropólogos brasileiros que inovaram de fato, romperam uma picada porque, nessa época, não se falava em Nordeste. A verdade é essa. Você pega os clássicos e percebe que ignoravam os povos indígenas do Nordeste. Pedro Agostinho abriu essa picada e renovou a etnologia brasileira. A etnologia brasileira é, simplesmente, a que tem mais impacto no mundo. Pensemos nas outras áreas, que são também brilhantes, mas Pedro teve esse papel extraordinário na etnologia e formou um grupo incrível de pesquisadores, alguns dos quais estão aqui. Que podemos dizer de um professor que forma doutores, pesquisadores, gente de ponta? É o máximo de sucesso que a gente pode ter.

Em segundo lugar, queria destacar que eu não reconheço a morte de Pedro Agostinho, ela não tem direito de ter acontecido. Para mim, ela não aconteceu e não acontecerá enquanto eu for vivo porque ele seguirá sendo uma inspiração. Pedro me colocou em uma situação difícil, pois me entregou nas mãos uma briga da qual nunca consegui sair: a briga pelos direitos dos povos indígenas, a briga pelos direitos das populações tradicionais. Pedro é inesquecível e continua a ser essa pessoa incrível. Eu reconheço a morte de Hitler, de Mussolini, de Bolsonaro. Esses aí são defuntos totais, deviam acabar, não têm salvação, não têm jeito. Mas Pedro Agostinho está aqui, está vivo e continua inspirando todo mundo. Todos nós continuamos a aprender com Pedro e continuamos envolvidos naquilo que ele iniciou.

Pedro era um homem extremamente apaixonado. Adorava ver televisão em casa. É uma coisa incrível, era um espetáculo Pedro em casa deitado, era uma explosão, uma coisa bonita, eu gostava do Pedro. Era um homem muito surpreendente, tivemos uma relação maravilhosa e ela continua.

Guillermo Vega Sanabria: Então longa vida a Pedro Agostinho!

Ordep Serra: Longa vida a Pedro Agostinho!

Guillermo: Luísa, como você conheceu Pedro Agostinho e como foi essa relação?

Luísa Valentini: Quero agradecer o convite de Guillermo para compor a mesa e mandar minhas lembranças e carinho a todos os amigos que estão aí na sala e que estão aqui no chat, porque vejo que tem bastante gente presente. Eu vou fazer uma fala um pouco mais afetiva porque meu encontro com Pedro Agostinho é muito significativo na minha trajetória pessoal, embora eu nunca tenha conseguido propriamente conversar com ele. Quando vim conhecer Pedro Agostinho, ele já estava adoentado havia muitos anos, mas o encontro aconteceu primeiro graças aos kamayurá, que me convidam a contribuir para um projeto deles, o Arquivo Kamayurá, que é um arquivo de documentação cultural, e fomos pesquisando materiais que já existiam.¹¹ Em uma ida à Bahia para um congresso, eu aproveitei para saber da coleção kamayurá no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da UFBA e conversar com a professora Maria Rosário de Carvalho sobre qual era a situação de saúde do professor Pedro Agostinho. O professor Márcio Ferreira da Silva, da USP, que gostava muito de Pedro também, já tinha me falado dele, pois o professor Márcio trabalhou com os kamayurá no final dos anos 1970, como linguista. Então eu sabia que havia materiais, mas não sabia como era a situação familiar, a situação do Pedro.

Quando fui conversar com a professora Rosário, logo na primeira conversa, ela me convidou para ajudar a tratar o arquivo do Pedro porque, nesse momento, não havia nem uma semana que uma primeira parcela dos materiais do Pedro Agostinho tinha chegado à UFBA. Eu vinha me

11 Kanawayuri Kamaiurá & Mayaru Kamayurá, “Arquivo Kamayurá: pesquisa, documentação e transmissão da memória”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 18, n. 1, (2023), pp. 1-10, .

preparando para lidar com a documentação por conta dos kamayurá, estava me treinando para isso, mas Rosário falou: “Luísa, venha trabalhar conosco!”. Eu aceitei, com a condição de que os kamayurá topassem também. O cacique Kotok e a equipe do Arquivo Kamayurá ficaram muito animados, muito contentes em poder ter uma ideia do que havia nos materiais de Pedro Agostinho nos anos 1960, que são uma raridade. Quando Rosário me fez esse convite, já me pôs dentro de um esquema de trabalho que é muito pedroagostiniano: ela me convidou para desenhar o projeto com ela, ainda que eu fosse uma doutoranda; ela chamou também duas pessoas de Iniciação Científica, que agora são dois pesquisadores: um é Jardel Santos Rodrigues, que defendeu seu mestrado sobre os Kiriri na USP, e Silvia Câmara, que está fazendo um mestrado sobre Pedro Agostinho, na pós-graduação em História da UFBA. A gente também entrou num sistema [de trabalho] pinebiano: um grupo de pessoas trabalhando juntas, se educando juntas, com Rosário acompanhando, mas, [ao mesmo tempo], dando um sentido de autonomia muito grande.

Na verdade, Rosário não quis nem falar sobre Pedro comigo antes de que eu olhasse os materiais; me deixou examinar os materiais para que eu fizesse a minha própria apreciação, para depois conversar com ela. Esse brilho de Rosário, como uma pesquisadora que forma pesquisadores cultivando uma autonomia profunda, é algo que reconheço nas falas dos colegas sobre Pedro. O PINEB é um laboratório que funciona assim até hoje, depois de 50 anos da primeira viagem para Barra Velha, e é um dos laboratórios de etnologia mais antigos do Brasil.

Pessoalmente, examinar o arquivo de Pedro me entusiasmou porque encontrei ali algum grau de afinidade intelectual com o que ele fazia. O trabalho de Pedro tinha essa característica boasiana de uma antropologia dos quatro campos, mas também tinha um domínio profundo do estruturalismo lévi-straussiano. Eu ainda gostaria de escrever sobre como esse grupo que estava em Brasília junto a Pedro Agostinho da Silva – entre eles Olympio Serra, Rafael de Menezes Bastos e Ordep Serra – lia Lévi-Strauss com uma qualidade que não havia no Brasil dos anos 1960.

Penso que, por serem pessoas que estavam dedicadas à cultura clássica, à linguística e ao problema das mitologias, havia uma *finesse* deles na leitura de As mitológicas de Lévi-Strauss, conforme elas iam saindo.¹²

Pedro também era um documentador, um etnógrafo documentador, então a documentação etnográfica que ele produziu é de altíssima qualidade, porque reconhece a etnografia como documentação histórica, como crônica dos povos indígenas e seus efeitos sobre os seus direitos, que são garantidos por meio dela. Seu trabalho etnográfico de altíssima qualidade contribuiu para a garantia dos direitos indígenas. Eu aprendi muito com o Pedro Agostinho; ele se interessava pelos mesmos temas que eu: se interessava pela arquivologia, pela paleografia, pela transcrição documental, pela longa duração, pela perspectiva do historiador e a do arqueólogo. Ele era uma pessoa muito curiosa.

Outra grande lição que eu tive foi a da generosidade porque as pessoas que se formaram ao redor do Pedro, as pessoas que foram formadas por ele, são algumas das pessoas mais generosas que já conheci. Devo dizer que a família do Pedro também tem essa característica. Os filhos e os netos são pessoas extremamente generosas.

É bom notar que, neste momento, o acervo de Pedro está na UFBA, mas ele ainda pertence à família Matos e Silva, pois é um acervo pessoal, com características pessoais, e é preciso ter cuidado no adequado tratamento e posterior disponibilização. É um acervo volumoso, interessantíssimo, que tem todas essas dimensões que vocês falaram aqui e mais. Tem material sobre a militância indígena no Brasil e na Bahia, tem camadas de discussões históricas, tem material do CBEI, o Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, que ele fundou, talvez a primeira ONG indigenista do Brasil porque ele antecede a própria OPAN,¹³ que é das mais antigas, ainda que com um ciclo de vida muito curto. Tem coisas muito preciosas

12 Claude Lévi-Strauss, *O cru e o cozido* (2ª ed.), São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1964]; Claude Lévi-Strauss, *Do mel às cinzas*, (2ª ed.), São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1966]; Claude Lévi-Strauss, *A origem dos modos à mesa*. (2ª ed.), São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1968]; Claude Lévi-Strauss, *O homem nu*, (2ª ed.), São Paulo: Cosac Naify, 2004 [1971].

13 Operação Amazônia Nativa, fundada em 1969.

no acervo de Pedro que precisam ser disponibilizadas para a memória coletiva, porque o arquivo dele tem essa característica também. Embora seja um arquivo pessoal, ele fala da coletividade, porque o Pedro trabalhava em coletividade, são redes de pessoas o tempo inteiro se tecendo e nunca acaba a rede. Tinha hora que eu ficava com vertigem porque é muita gente que aparece nesse arquivo. Eu pensava: “Como é que eu vou fazer? É muita gente envolvida!” ... [risadas].

Falando de modo mais afetivo, eu tenho muita gratidão também porque ganhei um avô por causa do Pedro Agostinho, que é o Olympio Serra, que se tornou meu avô classificatório. Ganhei um tio, que é o Ordep Serra, e ganhei uma família de Axé. Também ganhei o PINEB, que considero como se fosse minha família também porque tenho um carinho e sinto a responsabilidade de uma pessoa que tem um vínculo familiar. Além da família do próprio Pedro, que eu considero como se fossem meus parentes, pelos quais tenho um carinho enorme. Tudo isso foi presente de uma outra família, que é a família kamayurá. É uma rede de pessoas que trabalham em coletividade e que são movidas por um sentido de engajamento cidadão para que a perspectiva intelectual sirva à coletividade. Por isso eu tenho uma gratidão enorme e gostaria de prestar aqui minha homenagem a Pedro e a todas as pessoas que ele formou.

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado, Luísa, e obrigado a todos. Passo em seguida a palavra à professora Maria Rosário.

Maria Rosário de Carvalho: Bom dia a todos. É sabido o meu apreço, pessoal e intelectual, pelo professor Pedro Agostinho, que foi meu orientador, e suponho poder dizê-lo, um amigo. Conheci Pedro – todos o chamávamos de Pedro, mais velhos ou mais novos – nesta Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, recém-chegado de Brasília, contratado que fora para ser professor no Departamento de Antropologia e Etnologia. Ele havia organizado, para os graduandos de ciências sociais, concentração em antropologia, no seu primeiro semestre como docente, em 1971,

um seminário sobre fricção interétnica – um conceito forjado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira – e que foi muito importante para começar a pensar os povos indígenas do contexto etnográfico do Nordeste, pois, até então, não havia estudos sobre povos indígenas na Bahia, tampouco no Nordeste.

Nós todos aqui presentes sabemos disso. Foi Pedro quem vislumbrou essa possibilidade, como bem observou Ordep Serra, após ter elaborado uma dissertação que foi considerada com nível de tese de doutorado, sobre o kwarip entre os kamayurá, e que se tornou um grande clássico da etnologia produzida no Brasil. Lembro de ter lido um comentário de Robert Carneiro, que cito de memória, por meio do qual, ao referir ao kwarip pesquisado por Pedro Agostinho, ele como que questiona o sentido dele próprio, anos depois, pesquisar o kwarip dos kamayurá e o dos kalapalo.¹⁴

Pedro e eu travamos muito boas discussões, sempre respeitosas, mas eu sempre tive a petulância de dizer o que pensava e às vezes o questionava: “Por que você nunca se dispôs a estudar os indígenas no Nordeste?”. Ele me disse claramente: “Não faz parte do meu interesse etnológico, mas faz parte do meu interesse político!”. Depois disso nos entendemos e eu não mais o provoquei com esse tipo de questionamento. Ele escreveu poucas coisas sobre povos indígenas do Nordeste, pois ele continuava interessado nas questões etnológicas suscitadas pelos indígenas do Alto Xingu, mas o pouco que escreveu foi relevante.

Foi uma pena, por outro lado, ele não ter podido voltar ao Xingu, sempre lamentei isso porque o Xingu era, sabidamente, o seu interesse,

14 O trabalho de campo de Pedro Agostinho para o kwarip kamayurá ocorreu em três etapas, ou seja, de julho a setembro de 1965; de setembro a outubro de 1966 e de agosto a outubro de 1969. Já o de Carneiro para os kwarip, acima mencionado, transcorreu em agosto de 1975. Em nota (1), ele observa: “Aqueles que conhecem o estudo exaustivo e definitivo de Pedro Agostinho, Kwarip – Mito e Ritual no Alto Xingu (1974), poderão achar supérfluo, e mesmo presunçoso de minha parte, tentar outra descrição dessa cerimônia. Mas talvez haja algum valor em ter uma versão simplificada, condensada e independente do quarup à disposição dos leitores”. Robert Carneiro, “Quarup: a festa dos mortos no Alto Xingu” in Vera Penteadó Coelho (org.), *Karl von den Steinen: Um século de Antropologia no Xingu* (São Paulo: Edusp, 1993), pp. 405-429.

seu nicho etnológico. Porém, enquanto professor da FFCH, Departamento de Antropologia e Etnologia, interessado na questão indígena, ele foi imprescindível. E foi absolutamente inspirador para mim, para a minha geração, para a geração de Edwin Reesink e para as gerações mais novas. Era cativante, e sabia cativar. Confidenciou-me uma vez que, ao ministrar aulas, sentia-se um ator no palco. O que ele parecia estar querendo me dizer é que interpretava, nas aulas, uma ação dramática por meio de um conjunto de ideias e emoções que formavam o seu acervo intelectual, acumulado em convivência com o seu pai e vários outros intelectuais portugueses e brasileiros, e a partir do qual ele desenvolvia ideias próprias, sempre muito originais e argutas.

Tinha um conhecimento histórico, antropológico e arqueológico que parecia enciclopédico, não fosse pelo seu despojamento, desprendimento e disposição permanente para compartilhá-lo. Dito muito sinteticamente, tinha carisma, a qualidade de atrair os que estão à volta sem nunca correr o risco de se rotinizar.

Achei muito interessante quando Ordep afirmou que a gente começava a discutir com Pedro e podia varar a noite, sem sequer perceber. Ele tinha uma curiosidade enorme e acho que eu terminei contaminada por essa curiosidade do Pedro. Ele se interessava por qualquer assunto e sempre tinha uma posição sobre os mais diversos temas. Nesse aspecto, ele era muito filho do seu pai, George Agostinho da Silva, porque tinha aquele conhecimento extraordinário, mas, ao mesmo tempo, genuína humildade! Nunca surpreendi vaidades em Pedro! Ele as continha porque deveria supor que as exibir seria algo constrangedor. Eu me lembro muito dele quando identifico, no contexto acadêmico, vaidades expostas sem qualquer tentativa para controlá-las, ou dissimulá-las.

Pedro foi o melhor orientador que eu poderia ter tido porque transitava entre a história e a etnologia com a maior desenvoltura e, sobretudo, com generosidade. E concedia plena liberdade aos orientandos. Apontava os nossos equívocos sem, todavia, causar constrangimentos, ao tempo em que sugeria que desenvolvêssemos mais e melhor o que

considerava boas ideias. De fato, ele agia mais como um interlocutor estimulante que incitava os mais jovens a evitar as citações dos autores famosos e a pensar por contra própria, com os próprios botões. Até hoje sou parcimoniosa com as citações devido à sua influência.

Concordo com Ordep quando diz que Pedro continua entre nós. Ele não morreu, apenas encantou, como costumam dizer os indígenas quando os seus parentes “fazem a passagem”. Por ocasião da sua passagem, eu lembrei e evoquei o ser mítico kamayurá Mavutisi(n), que Pedro descreveu, em seu livro *Kwarip...*, como não sendo possível “lhe atribuir caráter de criador, porque, na verdade, sempre que cria, cria transformando algo pré-existente”.¹⁵ Suponho que os dois passem os dias em longas conversas sobre os seus assuntos preferidos, isto é, o mito e o ritual no Alto Xingu. Como seria bom se pudéssemos ouvi-los!

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado, professora Rosário. Voltando ao professor Rafael, nessa mesma linha de reflexão, pergunto-lhe: qual seria a contribuição de Pedro Agostinho para o indigenismo e para a antropologia feita no Brasil?

Rafael de Menezes Bastos: Acho que a primeira característica de Pedro, entre as muitas que tem, é que ele não reconhecia essa fissura entre etnologia e indigenismo. Acho que, para ele, era uma ciência posta na ação e vice-versa. Isso é uma virtude. Quando trabalhei com Pedro, com Ordep, com Olympio e com aquele povo que estava no Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, era, sim, uma coisa boasiana porque Pedro era boasiano, trabalhava com os quatro campos... Não era à toa que era casado com Rosa Virgínia [Mattos e Silva], que era linguista.

Porém, eu quero me recordar também de um aspecto de Pedro no Centro Brasileiro de Estudos Indígenas, junto a pessoas como Ordep, Olympio e eu próprio, sob a direção de Pedro. Eu li *O cru e o cozido*,

15 Pedro Agostinho, *Kwarip: mito e ritual no Alto Xingu*, São Paulo: EPU/Edusp, 1974, pp 209.

de Lévi-Strauss, em torno de 1969; esse livro, que tinha saído em 1964, nós lemos em Brasília. Achei impressionante como a antropologia de Pedro estava ali, no primeiro volume das *Mitológicas*, aquela coisa do desaninhador de pássaros e tudo mais, essa coisa estruturalista. Pedro, que era boasiano, também tinha, portanto, um parentesco forte com o estruturalismo. É um trabalho magnífico o que o Pedro fez e isso me toca até hoje. Li todas essas coisas antes de ir para meu trabalho de campo entre os kamayurá, li o que existia na época sobre linguística, porque Pedro fazia os quatro campos. Inclusive na arqueologia. Estou me lembrando agora de Valentín Calderón, um arqueólogo de origem hispânica na então Universidade da Bahia, com quem ele trabalhou.

O Pedro era foda, pessoal, desculpem! Era um homem universal e certamente isso tem a ver com o seu pai, George, que também foi meu professor. Eu trabalhei no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses com o professor Agostinho da Silva, o pai. Então quero lembrar também da relação de Pedro com a linguística e a arqueologia. Quando a gente fala em Boas, não está falando em bobagem, mas de uma coisa que está no nosso presente. Todo meu trabalho tem a ver com isso! É claro que a competência não é a mesma, mas eu tenho a ver com o Pedro a partir daí. Nós lemos as *Mitológicas* de maneira impressionante! Depois, quando entrei no mestrado na UnB, trabalhei com David Price, Roque Laraia, Roberto Cardoso de Oliveira. Depois, na USP, com a professora Lux Vidal, com quem estive recentemente em São Paulo.

Enfim, Pedro Agostinho da Silva leva a tudo isso, eu me emociono muito quando falo, porque Pedro me leva a coisas ancestrais na minha própria vida. Na UnB, na Bahia, nas aldeias onde estive com Pedro... Descobri que não foi à toa que, depois, eu trabalhei com Maria Ignez Mello, que fez uma bela tese de doutorado sobre aquelas mulheres Wauja fantásticas.¹⁶ Então, Guillermo, amigos e pessoas da plateia, minha gratidão a

16 Maria Ignez Cruz Mello, *Iamurikuma: Música, Mito e Ritual entre os Wauja do Alto Xingu*, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005, .

Pedro é eterna e emocionada. Ela não é uma gratidão distante, eu me sinto completamente entregue ao papel, no sentido de Stanislavski.

Guillermo Vega Sanabria: Vou passar imediatamente a palavra a Edwin com a mesma pergunta. Na sua perspectiva, qual é a contribuição de Pedro Agostinho para o indigenismo e para a antropologia feita no Brasil?

Edwin Reesink: De certa forma, isso já foi respondido, Rosário já deu as dicas. A história do PINEB, a presença de Agostinho na UFBA etc. Tem o que Rafael falou. Sempre que penso em ação indigenista lembro do lema do Pedro: para você intervir, você tem que saber! Ou seja, a etnografia bem feita é essencial, não adianta se não tiver conhecimento do caso e, para isso, você precisa de etnografia bem feita! Como foi lembrado aqui, a etnografia dele era de total empenho. Portanto, isso também passava para as pessoas e servia de base para as intervenções. Para você conhecer, você precisa etnografar e com esse conhecimento você pode intervir também no nível político, no nível indigenista. Sem isso, você vai fazer o quê? Os primeiros artigos de Pedro já tinham uma base científica, mas também estavam a serviço das pretensões legítimas dos Pataxós. Isso é fundamental. Como Rosário já disse também, a presença dele foi fundamental para realmente elaborar e desenvolver uma etnologia dos povos indígenas do Nordeste, não há o que dizer.

Pedro chegou no Departamento de Antropologia da UFBA para que o mesmo pudesse se constituir enquanto departamento. Naquele tempo, todas as coisas eram diferentes, só tinha seis pessoas e chamaram Pedro para completar um conjunto necessário de sete professores. Não foi algo muito fácil, em certo sentido, mas havia interesse em desenvolver uma antropologia, uma etnologia das Terras Baixas da América do Sul, no sentido pleno da palavra. Nessa época se pensava em duas coisas. Roberto Cardoso de Oliveira, que foi mencionado aqui, no fim dos anos 1960 tinha um interesse no campesinato indígena, a partir de seus colegas latino-americanos. Ele teve um estudante, Paulo Marcos Amorim, que começou a

fazer pesquisas no Nordeste. São pesquisas pioneiras, dentro de uma determinada perspectiva, e Roberto Cardoso de Oliveira foi fundamental, mas não foi para a frente, ficou ali basicamente.

Por isso é preciso perceber Pedro Agostinho. Se você vê o livro *Os Kariris de Mirandela*, de Maria de Lourdes Bandeira, pensa nele como a primeira monografia realmente moderna, digamos assim, e tem o dedo de Pedro ali.¹⁷ Ela veio de Brasília, passou com Calderón fazendo prospecções arqueológicas, passou em Mirandela, se interessou e voltou depois para fazer a pesquisa. O próprio livro [na verdade, sobre os Kiriri] tem a influência de Pedro. O livro saiu depois porque foi apoiado por Pedro e Calderón. Aí você já vê o ato fundamental de fundação de uma etnografia moderna e já tem sua presença. Isso em primeiro lugar.

Como disse Rosário, ele não se engajava diretamente nas pesquisas etnológicas, mas sua presença indireta é absolutamente fundamental. Nos anos 1970, vai ter os mestrandos de Pedro e outras pessoas trabalhando sobre os Tuxá. Lembro de uma história sobre os Pataxó, pois eles foram para lá porque existia uma notícia de jornal sobre um levante, salvo engano, em 1954 ou algo assim...

Maria Rosário de Carvalho: 1951!

Edwin Reesink: Eles, a equipe de estudantes liderada por Agostinho, em viagem à Barra Velha, em 1971, disseram assim: “Então vamos olhar lá para saber por que, se tinha indígenas naquele tempo, não tem mais?”. Ou seja, Pedro foi um descobridor também porque, a partir daí, é que a gente vai ampliar os horizontes para descobrir que tinha povos indígenas no Nordeste inteiro. Só para ilustrar, quando eu fui para o campo, na primeira vez, foi com Pedro, Rosário e uma colega do Museu Goeldi, Isolda Maciel. Nós fomos de carro, em um fusquinha emprestado pela família, e passamos em Mirandela, fomos para Massacará. Em Mirandela

17 Maria de Lourdes Bandeira, *Os Kariris de Mirandela: Um grupo indígena integrado (Estudos Baianos 6)*, Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1972.

descobrimos que a situação dos Kariri, ou melhor Kiriri, tinha mudado profundamente: os indígenas haviam se organizado, tinham uma escola em forma de octógono, forma que representava o próprio território indígena. Ou seja, descobrimos que, de fato, tinha muita coisa acontecendo, mais do que a gente sabia. A partir daí, há o fato de a gente conhecer mais as populações e os povos indígenas e suas ações. A relação com os Kiriri também é antiga e permanente, porque agora, recentemente, estive lá Jardel Rodrigues, membro do PINEB, em trabalho de campo para a sua dissertação de mestrado,¹⁸ mas é ilustrativo, digamos assim, porque é uma relação que basicamente data dessa época, com idas e vindas.

Não vamos fazer a história toda, não é? Porém, é só para ilustrar a importância que tem a publicação de *O índio na Bahia*, de 1988, que é basicamente a primeira coletânea de textos sobre povos indígenas no Nordeste.¹⁹ Tem a contribuição de várias pessoas: Rosário, eu, Luiz Mott também, pelo trabalho histórico dele... é uma coletânea de textos que também mostra exatamente o que foi falado aqui. Já nos anos 1970, o interesse histórico de Pedro fez com que ele fosse para o arquivo. Fez um projeto que depois virou algo maior, que é o FUNDOCIN,²⁰ um projeto pioneiro para levantar toda a documentação indígena que estivesse nos arquivos do estado da Bahia, que é fundamental também. Se você olhar o que tem nesse número da Revista Cultura, que hoje é meio raro e precisamos reeditar inclusive, vai ver que lá no final tem um mapa das aldeias no século XIX [colado na última página da Revista e dobrado], com referências geográficas para cada bacia hídrica, cada rio, que é típico para o tipo de abordagem ecológica, geográfica, cartográfica que fazia parte intrínseca dos interesses de Pedro Agostinho.

18 Jardel Jesus Santos Rodrigues, *Para o espírito seguir sua viagem: rito fúnebre, corporalidade e pessoa entre os Kiriri*, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023, .

19 Pedro Agostinho (Org.), *O índio na Bahia*, Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

20 Ver Fundo de Documentação Histórica Manuscrita sobre os Índios da Bahia (Projeto Integrado, CNPq/Balcão). Disponível em: .

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado, Edwin. Professor Ordep, passo a palavra.

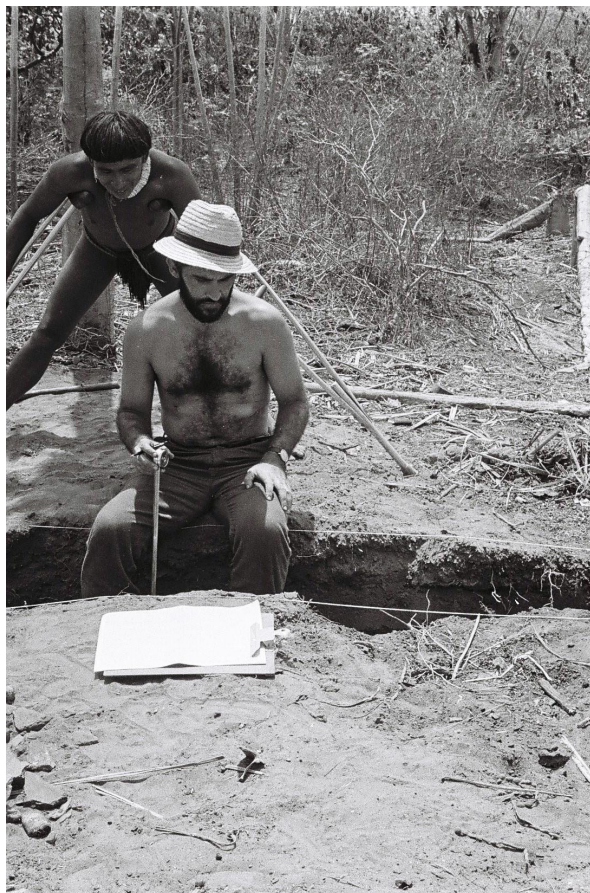
Ordep Serra: Eu queria destacar algumas coisas que me vieram à memória. Em primeiro lugar, voltar à novidade criada por Pedro Agostinho que foi o Centro Brasileiro de Estudos Indígenas e quando nós tivemos um dos primeiros seminários sobre a obra de Lévi-Strauss no Brasil, abarcando a discussão sobre antropologia cultural naquele tempo. Só para a gente ver como Pedro era danado. Vou resumir com muitas poucas palavras a contribuição de Pedro Agostinho para a etnologia brasileira propondo uma metáfora, uma imagem: havia na etnologia brasileira um buraco enorme, uma lacuna que ninguém tinha percebido direito, mas Pedro percebeu e começou a preencher essa lacuna. Isso é muita coisa! Poucos antropólogos no Brasil podem dizer que fizeram coisa parecida, ele fez essa grande descoberta.

Pedro foi um grande homem também no sentido dessa contribuição política e moral. Era um antirracista, ele combateu o racismo anti indígena de todas as formas e também o racismo que atingia as comunidades negras. Vou fazer algo indiscreto, vou fazer uma confidência: quando entrei no departamento, pouco tempo depois me tornei diretor do IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia) e já tinha denunciado o museu Estácio de Lima. Era uma escola de racismo, era um museu que fazia pedagogia de racismo. Tinha, de um lado, monstruosidades físicas, como diziam os legistas com toda a tranquilidade; lá tinha cabeça de cangaceiro, armas de crime, dinheiro falsificado... e, de outro lado, também tinha os objetos sagrados dos terreiros. Eu comecei a atacar esse museu para tirar o que era dos terreiros e devolver esses objetos. Então mandei uma mensagem para o Departamento de Antropologia. Duas pessoas defenderam minha posição: uma está aqui, Rosário, e a outra foi Pedro Agostinho, enquanto colegas que faziam antropologia do negro se encolheram. Sei que estou sendo indiscreto, mas tinha a ver com o medo de atacar o medalhão do momento e é para mostrar a coragem, a vontade de combater o racismo, que era muito presente em Pedro Agostinho.

A contribuição dele para a etnologia brasileira foi preencher essa lacuna e também tonificar a força moral da antropologia brasileira, porque a antropologia brasileira é muito respeitada pela sua moral. Não foi por acaso que as atuais bancadas do boi, da bíblia e toda aquela cambada ruim processou a ABA (Associação Brasileira de Antropologia). Por quê? Porque os antropólogos levantaram essa disciplina a um patamar muito alto e Pedro Agostinho tem a ver com isso. Seu brilho, o que ele conseguiu pela pesquisa e pelo conhecimento, também foi um ganho moral, ficando do lado dos povos indígenas, das comunidades quilombolas, do combate à misoginia e a toda forma de preconceito. Pedro não tinha medo disso. Eu agradeço a ele por ter deixado um legado incrível: é a briga dele pelos direitos humanos, é a briga da qual eu mesmo nunca mais consegui sair e devo isso a ele e a Olympio. E a pessoas como o Eduardo Almeida, que está aqui na plateia, e é um homem que está sempre na luta contra tudo quanto é injustiça. Tem esse lado muito bonito de Pedro, um homem muito preocupado com a injustiça. Preocupado com o conhecimento, mas com a justiça simultaneamente. É por isso que a gente não reconhece a morte dele!

[Aplausos da plateia]

Figura 2: Pedro Agostinho e um indígena kamayurá, ainda não identificado, na aldeia kamayurá/Alto Xingu, em data não passível de precisão, no período jul-set 1965; set-out 1966; ago-out 1969



Fonte: Autoria não identificada.

Guillermo Vega Sanabria: Acaba de se juntar a nós, nesta homenagem, Kanawayuri Marcello Kamaiurá. Quanta honra tê-lo conosco, Marcello! Estávamos conversando sobre o legado do professor Pedro Agostinho para o indigenismo e para a antropologia feita no Brasil. Vou passar a palavra à Luísa e em seguida a você. Tudo bem?

Kanawayuri Marcello Kamaiurá: Tranquilo. É uma honra estar com vocês aqui, obrigado.

Luísa Valentini: Estou feliz porque Marcello conseguiu entrar na nossa conversa aqui. Gostaria de ressaltar algumas coisas bem simples sobre a contribuição de Pedro Agostinho para o indigenismo. Queria lembrar que o FUNDOCIN foi uma atividade na qual várias gerações de pesquisadores aprenderam a localizar, transcrever e disponibilizar documentação relativa aos interesses dos povos indígenas do Nordeste, coisa fundamental para a garantia de direitos, para a memória deles e para a memória coletiva também. É algo que gera muito interesse das próprias comunidades, cada vez mais. Acho que isso anda junto com o interesse dos povos indígenas em boa documentação que seja feita a respeito deles. E é algo sobre o qual Marcello pode comentar um pouco melhor, pois ele conheceu um pouco dos materiais de Pedro, numa rápida visita a Salvador no projeto do Arquivo Kamayurá.

Outra coisa que gostaria de lembrar é que, até onde eu sei, na articulação da ANAI Bahia (Associação Nacional de Ação Indigenista) e na atuação do MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia) da UFBA há um interesse que tem a ver com a preservação do patrimônio histórico de interesse coletivo. Isso é importante e, nessa articulação, Pedro também mobilizou a inclusão dos direitos indígenas na Constituição do Estado da Bahia. Foi uma grande mobilização e, pelo que eu entendo da documentação, ela aconteceu porque Pedro estava no MAE, no Terreiro de Jesus, e nesse momento o MAE foi um espaço onde aconteceu uma série de articulações.

E uma das coisas mais bonitas que tem no material de Pedro, do meu ponto de vista, é o discurso que ele fez na Assembleia Constituinte da Bahia. Ele vai elencando todos os movimentos que vieram dar seu apoio, como o MUPOIBA (Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia), para que houvesse artigos garantindo o direito dos povos indígenas na Constituição Estadual da Bahia. É muito bonito porque

foi uma mobilização muito grande: tem a Casa Branca do Engenho Velho, por exemplo, por meio da Associação São Jorge do Engenho Velho; vários movimentos das comunidades periféricas; o Ilê Ayê e vários grupos afro, todo mundo articulado e mobilizado pelos direitos dos povos indígenas.

É um discurso muito bonito, que hoje nem precisaria ter sido feito por um professor da universidade, mas, naquele momento, era estratégico que fosse um professor universitário que trouxesse. Porém, a primeira coisa que ele faz é mencionar todos os povos e todos os coletivos e movimentos que estão apoiando os direitos dos povos indígenas. Tem muito material no arquivo do Pedro que é bonito por isso, porque tem a mobilização cidadã na Bahia e na cidade de Salvador nas décadas de 1980 e de 1990; isso se encontra de modo muito forte, muito presente no arquivo dele. Por isso é que eu digo também que o arquivo pessoal dele é um arquivo da memória coletiva, muito denso. A gente não consegue terminar de arrumar porque são dezoito metros lineares de documentação, é muito material, são muitas, muitas caixas!²¹ Vou pedir para o Marcello falar, porque ele pode compartilhar um pouco do que conheceu e do que estão conhecendo a respeito do Pedro Agostinho no projeto.

Marcello Kamaiurá: Obrigado a todos os que estão aqui presentes nesta homenagem. Eu quero, neste Kuarup que se faz em homenagem ao professor Pedro Agostinho, primeiramente trazer um pouco mais de gratidão por tudo que Pedro significa para o meu povo e para minha família, principalmente. Ele foi uma pessoa muito sensata e um grande pesquisador. Para falar a verdade, quero trazer um pouco da minha memória de infância, de quando escutei as primeiras histórias de Pedro durante a sua vivência na minha família. Foi por meio do meu avô, que hoje já é falecido também, e da minha mãe, que contavam muitas histórias dessa vivência e tudo mais, principalmente dos livros que ele produziu.

21 Com a chegada de uma última leva de documentação à UFBA no final de 2023, essa dimensão foi excedida significativamente. No momento de revisão da transcrição das falas, a estimativa é de que sejam cerca de cem caixas de arquivo.

Desde a infância, minha família despertou meu interesse para conhecer o trabalho do professor Pedro Agostinho.

Até então era só curiosidade, mas à medida que o tempo foi passando e nossos avós foram nos deixando, a responsabilidade foi chegando para nós, para nossa geração. Foi a partir desse ponto que eu comecei, junto com meu cunhado, que é filho do cacique,²² na medida em que nossos avós foram nos deixando e acabamos ficando sem referências, pessoas que nos treinassem sobre nossa cultura, nosso passado. Vou citar alguns exemplos aqui: os cantos foram se perdendo; os artesanatos, as confecções e os modos corretos de traçados de alguns artesanatos; também as pinturas, enfim, entre outras coisas. Daí surgiu a ideia de a gente fazer um projeto que se chama “Arquivo Kamayurá”, para buscar, junto a pesquisadores como Pedro Agostinho, um dos primeiros, Carmem Junqueira, Lucy Seki, Rafael de Menezes Bastos, entre outros, as referências musicais, os cantos, todos os tipos de referências sobre nossa história, nossas narrativas. Fomos buscá-las por meio desse projeto que, por sinal, tem resultado muito importante para nós. Tanto que retomamos nossa autoestima por meio das referências históricas sobre nossos avós, sobre nossas histórias, que estão nas mãos desses pesquisadores.

Por isso, quero mesmo trazer aqui a demonstração de muito carinho, de muito respeito e de reconhecimento do trabalho tão significativo que Pedro Agostinho desenvolveu entre o povo kamayurá e entre minha família. É um carinho enorme para um amigo e irmão pessoal dos meus avós, dos mais velhos, que vivia entre eles, fazia amizade e testemunhou também. Fico sem muitas palavras, muito obrigado!

Guillermo Vega Sanabria: Que emoção! Tinha preparado uma série de perguntas específicas, mas, pelo avançado do tempo, não vai dar porque, antes disso, faço questão de mencionar alguns comentários das pessoas que nos acompanham nesse momento na transmissão ao vivo pelo YouTube.

22 A etiqueta kamayurá impede que se pronuncie o nome dos afins. Trata-se de Mayaru Kamayurá e do cacique Kotok Kamayurá, respectivamente.

Registro aqui nossa gratidão pela presença de Ismene Serra, Olympio Serra e Antônio Carlos Magalhães, que cumprimentam esta homenagem a Pedro Agostinho. Também temos nosso colega do Departamento de Antropologia, Felipe Tuxá, Lia Mattos, Silvia Câmara, Juliane Serra, Ana Magda Carvalho...

Maria Rosário de Carvalho: São todos do PINEB!

Guillermo Vega Sanabria: Ana Magda diz que também tinha longos e incríveis colóquios com “Don Pepe”. Ela conta que, como professor, mergulhava tanto no ato de professar que quase sempre passava do horário do fim da aula. Os alunos, meio constrangidos, diziam “professor, já deu o horário”, pois a faculdade era insegura à noite... Enfim, antes de dar a palavra a vocês novamente para o encerramento, eu queria tomar a liberdade de fazer uma única pergunta exclusiva ao professor Ordep Serra. A gente está falando da antropologia e do indigenismo, mas eu queria perguntar especificamente da passagem de Pedro Agostinho por essa casa. O que nós deveríamos destacar para a UFBA, para a Faculdade, para o Departamento de Antropologia e Etnologia como legado de Pedro Agostinho nesse momento?

Ordep Serra: Pedro era um professor excelente, extraordinário, e fez muitos debates com alunos desse departamento. Posso reiterar que ele tinha uma didática incrível, a gente não queria que as aulas dele acabassem, nem as conferências, incríveis, pois ele também dava palestras ótimas. Além disso, era um grande pesquisador, que criou um dos pilares da etnologia. Se a gente tem uma etnologia de primeira linha na Universidade Federal da Bahia se deve a Pedro Agostinho, pois ele foi o principal responsável por isso, porque criou essa linha com muito êxito e formou, como já disse, um grande público de pesquisadores eméritos, de primeira linha, gente que estava na vanguarda. Ele fez crescer a etnologia, supriu uma lacuna e tornou nossa Faculdade uma vanguarda nesse terreno. Não é pouca coisa,

você vê que não é qualquer coisa. Além disso, quero ressaltar sempre o fato de ele ser um homem que combatia o racismo e combatia pelos direitos humanos. Ele tinha essa marca, fez crescer o patrimônio moral da Faculdade e esse patrimônio é muito precioso.

Alguém está me lembrando aqui de falar da histórica reunião de Barbados, que celebrou a antropologia indígena, e Pedro estava lá presente porque teve ressonância internacional e positiva para a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Justamente, é por isso que, há pouco tempo, eu e outros colegas, inclusive Rosário, assinamos um documento dirigido ao Departamento de Antropologia e Etnologia propondo que ele seja reconhecido como Professor Emérito.

Maria Rosário de Carvalho: E o Departamento acolheu plenamente.

Ordep Serra: Exato! Espero que essa cerimônia aconteça logo porque é um ato de justiça. Eu diria até que Pedro Agostinho deve ser considerado um dos fundadores porque o fundador não é só aquele que está no início. Às vezes, quem está no início não funda coisa nenhuma, aparece e não faz nada. Porém, Pedro fez, ele construiu essa Faculdade, é construtor dessa Faculdade pelo peso da ação dele, o valor que ele deu para a Faculdade, o valor moral, o valor e o respeito científico que ela tem. É uma Faculdade muito respeitada por causa de Pedro Agostinho.

Guillermo Vega Sanabria: Acho que perdemos a conexão com o professor Rafael e Marcello, mas, encaminhando já para o final, gostaria de passar a palavra para Edwin, Luísa e Rosário, e com isso podemos dar por encerrado esse momento tão especial.

Luísa Valentini: Para mim é uma honra tudo isso e gostaria de reforçar uma fala do Pedro sobre autonomia, sobretudo autonomia dos povos indígenas, a questão do meio ambiente, das territorialidades... tudo que ele fez e o

modo como trabalhava tem sintonia com os debates de hoje. Acho isso importante, sobretudo reconhecer os indígenas como intelectuais.

Pedro contava que ele foi trabalhar com os kamayurá porque ele conheceu o grande pajé Sapain, e se encantou com sua inteligência, com a beleza da sua fala, com o requinte e a erudição do Sapain.²³ Porém, quando ele foi para os kamayurá, descobriu que tinha vários! [risadas]... O Sapain tinha dezesseis anos, mas lá tinha pessoas mais velhas que o Sapain e eram tão refinadas quanto ele. Pedro tinha uma admiração propriamente intelectual pelos kamayurá. Acho que Rafael também tem isso, uma admiração intelectual pelos kamayurá. Não se trata de trabalhar com as pessoas como se fossem objeto de pesquisa, mas é a admiração do requinte, do conhecimento dos seus interlocutores indígenas. Vejo isso em todas as pesquisas dele, uma admiração pela inteligência indígena e uma escuta real do que as pessoas estão contando. Esse é um valor de Pedro que reflete na longevidade dos seus materiais e da sua pesquisa, assim como nas suas atitudes também. Por exemplo, o reconhecimento da autonomia indígena, o fortalecimento da autonomia indígena e, em primeiro lugar, a construção dos protagonismos dos próprios movimentos; a modéstia dele também ensina muito a gente, porque fortalece os protagonismos e o reconhecimento dos indígenas.

Rafael de Menezes Bastos: Queria, primeiro de tudo, recordar essa incrível reunião com colegas em nome de Pedro Agostinho da Silva. Eu sou uma pessoa encantada com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e achei impressionante o novo censo porque vejo nele o impacto de Pedro. Pedro está no censo porque segue sendo um problema saber quantos indígenas há no Brasil, porque acho que ainda é subestimado. Serve para recordar também de uma fala da ministra Sônia Guajajara, minha amiga: “nunca mais o Brasil sem nós”. O Censo de 2008

23 Sapain Kamayurá, pajé de projeção internacional, era irmão mais novo do cacique e pajé Takumã Kamayurá. Passou a maior parte da vida entre os Yawalapiti, onde se casou, e veio a falecer em 2017.

mostra que nós temos um milhão e trezentos mil quilombolas no Brasil e que o lugar onde há a maior população quilombola é a Bahia. Há uma cidade que traz essa marca, que é Senhor do Bonfim. Do ponto de vista indígena, o que acontece nesses censos? Um milhão e sessenta e nove mil indígenas. O que mudou? Houve uma mudança impressionante do censo que temos agora em relação ao de 2010. Por quê? Como se encontram os indígenas? O que são os indígenas?

Eu me recordo de um texto do professor Roberto DaMatta, “Quanto custa ser índio no Brasil?”.²⁴ Quanto custa hoje ser índio? Acho que o censo dá uma boa orientação. “Nunca mais o Brasil sem nós”, quilombolas e indígenas. O crescimento para um milhão e 690 mil indígenas no Brasil, a partir de 2022, tem a mão do Pedro. Por quê? Quais são os sinais? Nós somos um pouco ligados a sinais, um pouco fetichistas desse ponto de vista, porque os fetichistas adoram sinais... Quero chamar a atenção que “nunca mais o Brasil sem nós”, como nos disse a ministra. Acho que houve um impulso muito grande, recentemente, à situação indígena brasileira, no sentido identitário, de indígenas e quilombolas. Quero chamar a atenção porque vale a pena cruzar esses dados. O que é ser índio no Brasil, quanto custa ser indígena no Brasil hoje? Desculpem, eu sei que os indígenas não gostam da palavra índio e eu respeito, mas eu me perco muitas vezes e me perderei outras; às vezes continuo usando a palavra índio, ao invés de indígenas. Porém, sei que houve um impulso grande e quero falar ao Marcello Kamaiurá, especialmente, me despedindo de todos porque preciso me retirar. Agradecer a Guillermo pela gentileza do convite, pela presença do meu querido professor Ordep Serra e de Rosário, uma companheira antiquíssima. Pela Luísa e pelo Edwin... muito obrigado!

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado Rafael e longa vida também para você. Vamos continuar, então, nossa última rodada para vocês darem suas

24 Roberto DaMatta, “Quanto custa ser índio no Brasil? Considerações sobre o problema da identidade étnica”, *Dados*, n. 13 (1976), pp. 33-54, 1976.

últimas palavras e aproveito para agradecer sua presença, tão especial para todos nós.

Marcello Kamaiurá: Primeiramente, agradeço à professora Luísa por abrir essa oportunidade de estar presente nesta homenagem. Faço questão de estar presente onde tiver todo tipo de evento e espaço para poder falar um pouco sobre essa linda história, tão importante para os povos indígenas, do trabalho do Pedro Agostinho. Falar da importância do acervo onde nós fomos buscar nossas histórias, mas também encontramos exemplares de artesanatos muito importantes para nosso povo; coisas que hoje não se fazem mais, como as cestas, os brincos, entre outras.

Foi muito importante para nós construir o projeto do Arquivo Kamayurá. O Arquivo Kamayurá é vivo, está presente em todos os espaços e muito mais aqui na nossa comunidade. Vamos prosseguir com ele por aqui, onde vai ser o espaço de debate, de treinamento, de ensino, como se fosse a faculdade da cultura, das tradições do povo kamayurá. O professor Pedro Agostinho tem muito material para contribuir com essa nova fase que estamos construindo, por tudo que ele pesquisou. Graças a esse amplo trabalho de Pedro Agostinho, hoje podemos recorrer a esse material para que nossas histórias estejam vivas, presentes no dia de hoje. Sem esse trabalho, sem esse material, com certeza nossas referências iriam se perder muito mais. Graças a esse trabalho, nós podemos reconstruir, reafirmar nossas identidades por meio desses materiais, para não perdermos nossas raízes. O propósito do Arquivo Kamayurá é esse.

Quero agradecer também à família de Pedro Agostinho porque atendeu de imediato nosso pedido de pesquisarmos esse material. A gente vai trazer todas as fotos, todas as cópias possíveis digitalizadas para nossa comunidade. Temos que saber trabalhar, saber aproveitar para fazer uma nova história, com registros, com os documentos, quem sabe com um livro. A partir de então, como foi muito falado aqui pelos professores, com autonomia e protagonismo indígena. Era isso o que sempre Pedro Agostinho defendia.

Obrigado ao professor Pedro Agostinho por ter lutado em boas causas, principalmente na causa dos povos indígenas, tudo o que foi lembrado muito bem aqui. Essa semente do coração dele, do cérebro dele, repercutiu positivamente dentro da nossa comunidade e para uma política indigenista aqui no nosso país. Muito obrigado.

Guillermo Vega Sanabria: Muito obrigado, Marcello! Que boa maneira de fechar esse evento com sua fala. Muito obrigado pela sua participação e por sua presença aqui. Edwin, por gentileza.

Edwin Reesink: Fiquei muito satisfeito com esse evento e creio que todo mundo ficou. Por outra parte, afinal de contas, fica evidente também que falta muita história, muita avaliação, muito levantamento, muita coisa para fazer, para levar para as pessoas. Só para ilustrar isso com uma anedota que Luísa levantou: Nós fomos para a Assembleia Legislativa da Bahia para Pedro defender os discursos que Luísa citou agora há pouco. Eu estava lá e, de fato, foi um evento. Como foi que, depois, uma jornalista descreveu esse evento? Referiu-se ao “garboso professor Pedro Agostinho!” Porque ele foi de terno e gravata, foi todo assim... garboso professor Pedro Agostinho, o que também é uma excelente face de sua atuação. Pronto.

Guillermo Vega Sanabria: Obrigado, Edwin. Para finalizar, umas rápidas palavras para João Rodrigo e Olavo, que são os filhos de Pedro Agostinho, que aqui estão presentes: à medida que vamos cavando na memória e na trajetória de Pedro Agostinho vocês estejam preparados para, daqui em diante, dividirem seu pai e avô porque são muitos os outros filhos e netos que vão surgindo; são primos, primos de segundo grau e, claro, sempre os amigos e convidados.

Dito isso, agradeço enormemente a paciência das pessoas que chegaram até esse momento, aqui na Sala de Audiovisual da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, quanto às pessoas

que ainda nos acompanham online, valorosamente. Que este seja o primeiro de muitos trabalhos vagarosos de construir e valorizar as extraordinárias contribuições de pessoas como Pedro Agostinho a uma causa comum que é a vida das populações indígenas e de outras populações no Nordeste brasileiro e no Brasil afora. Longa vida ao Pedro Agostinho, longa vida aos indígenas no Brasil e longa vida à antropologia!

doi: 10.9771/aa.v0i72.71167